

CR\$ 700 — 3 DE DEZEMBRO DE 1966

O CRUZEIRO

RADIOGRAFIA DAS ELEIÇÕES

29/100

A NOVA MODA VESTIDOS E BIQUINIS DE PAPEL



YONÁ MAGALHÃES EM OP-ART



Stanislaw Ponte Preta

TARADO POR CONSPIRAÇÃO

Tem gente que nunca está satisfeita com as coisas! As vezes tá tudo certinho, tudo correndo bem e o cara tá reclamando da sombra. Assim era o Pascoal. Sujeito intimamente ligado a meios políticos, vivia em altas reuniões, conspirando. Sim, êste era o seu lema: conspirar contra tudo e contra todos. E como andava conspirando, ultimamente, o Pascoal! Fazia reuniões em casa de amigos e na sua própria casa, para desespero de Dona Carminha, sua jovem e bela esposa. Era

um trabalhão dos diabos quando a turma que queria derrubar o Governo saía. Tinha cinza pela casa toda, estava tudo desarrumado e a mulher reclamando:

— Você fica trazendo êsses curibocas aqui e êles estragam tudo. Nunca vi gente tão mal educada”.

E o Pascoal tinha engrenado uma tremenda campanha para conseguir seu intento. O negócio era bom. Ele ia ser qualquer coisa, se seu pessoal conseguisse tomar o poder. Tinha até planos feitos. Vivia decorando códigos e mensagens cifradas. Quem não dava bola para o assunto era a Dona Carminha, cada vez mais bonita e com ares de muito satisfeita, embora o marido nunca parasse em casa. Dona Carminha, pelo jeito, estava lavando roupa pra fora. Andava toda perequeté e nada do Pascoal se mancar. Teve um dia que o Pascoal se saindo e ela ainda perguntou:

— A que horas você vai voltar, meu bem?”

— Depois das onze horas. A reunião de hoje é importante”.

— Onde é, meu amor?”

— Na Penha.”

Dona Carminha deu um sorriso e falou aliviada:

— Ainda bem que eu vou pra outro lado”.

E o Pascoal se mandou mais uma vez. Chegou na casa de um conspirador seu amigo e encontrou os revolucionários de araque todos reunidos. Reunião muito séria. Tinha uma mesa grande, com um mapa no meio e uma porção de cru-

ze marcados. E começaram os planos a serem distribuídos. Era um tal de Comando A tomar conta da Companhia Telefônica, Comando B tomar conta da Represa, Comando C ocuparia a companhia de transportes, e assim por diante. Todos estavam cientes de que seu papel era o mais importante na missão que iriam empreender. E veio o “briefing”. Essa é uma bossa diferente: todo mundo responderia qual seria a sua missão e, finalmente, a reunião estaria terminada, com data marcada para o grande golpe: data, hora, código etc.

Pascoal estava feliz. Sua Missão ia chegando ao fim. Veria a vitória e, conseqüentemente, os benefícios por ter servido a tão grande causa. E a reunião continuava, com o ambiente mais secreto do mundo, quando bateram forte na porta. Foi uma confusão dos diabos. Todos ficaram apavorados. Se fôsse a Polícia? A tudo por água abaixo. Resolveram atender, mas antes tomaram todas as precauções necessárias. Esconderam os planos, mapas, armas e munições. Um ficaria atrás da porta, enquanto outro a abriria e perguntaria o que desejavam. E assim foi feito. Quando a porta abriu, um dos caras perguntou a um rapazinho qual era o galho:

— Que deseja, rapaz?”

— Eu quero falar com seu Pascoal. Ele tá aí?”

E veio o Pascoal, meio desconfiado, e viu seu empregado de confiança, assustado e cansado. Perguntou o que era, e o rapaz disse, ofegante:



Lígia Rinelli quando tinha aquela cabeleira loura e telefonava pra gente, pedindo o pente emprestado.

— O senhor falou para eu vir aqui se o caso fôsse grave, e assim parece”.

— O que houve? Fale.”

— Eu vim aqui, seu Pascoal, porque na sua casa tem um monte de sargentos, cabos e soldados. Tá tudo lá com a sua senhora.”

Pascoal ficou branco. Recuperou-se pouco a pouco e perguntou ao rapaz:

— A Carminha tá conspirando também?”

— Conspirando nada. Tá é transpirando de tanto farrear. Acho melhor o senhor ir lá... Onde é que já se viu conspiração tocando “A Banda”, “Disparada” etc? Vai lá, seu Pascoal, vai lá: quando eu sai tavam começando a tocar “Mamãe Passou Açúcar Ni Mim”.

Arte & Manhas

Muito complicado é o caso de Chico Buarque de Holanda com a emissora de TV que o contratou. A emissora o contratou a pedido do patrocinador e o patrocinador tem a mania de divulgar o ieieie. Queria fazer do Chico, aqui no Rio, o que fizera com o Roberto Carlos, em São Paulo. Acontece que Roberto Carlos é o protótipo do ieieie e Chico é a antítese. Vai daí levaram o Chico para a televisão e misturaram o rapaz com êsses conjuntos barulhentos na base do blue-caps, analfabittles, the babbles, the idiot's e the cocoroca's, sem perceberem que aquele que gosta da música dos “The Animals” jamais gostaria de um verso tal como “tem mais samba nas mãos, do que nos olhos”, ou então “a môça feia debruçou na janela, pensando que a banda tocava pra ela”, ou ainda “o delegado é bamba, na delegacia, mas nunca fez samba, nunca viu Maria”; da mesma maneira que aquele que aprecia êsses versos tem horror de “pra ter fonfom trabalhei, trabalhei”, ou “mamãe passou açúcar ni mim”, ou mais “r, rê, que onda, que festa de arromba”. Num encontro com o cronista, Chico Buarque de Holanda fez esta mesma insinuação afirmando: “Eu não acredito que quem goste de “Casamento Não é Paço Pra mim”, possa gostar de “Olé, Olé”. Notava-se que

Chico não estava contente, nem com o programa, nem com o patrocinador. De mais a mais, ao ser contratado êle ainda não tinha merecido a espetacular promoção que “A Banda” lhe deu e, por isso mesmo, fizeram um contrato barato para o seu prestígio atual junto ao público. Todas estas coisas foram ponderadas junto à direção da emissora e junto ao patrocinador e, como ambos se mantivessem irredutíveis, um amigo do compositor, que está cuidando dos seus negócios, absolutamente de graça (apenas porque Chico não tem jeito para negócios), descobriu no contrato que êle havia sido contratado para animador de um programa; portanto, não precisava cantar. E é o que Chico está fazendo. O maior cantor-compositor do momento não canta nem compõe, no programa lançado espetacularmente em torno de seu nome. Chico está doído para que o programa entre pelo cano. E é bem feito: gastam milhões de cruzeiros em propaganda entre empresários e diretores, mas esquecem que a coisa mais importante de qualquer manifestação artística... é o artista.

Algumas novidades da noite carioca: nova equipe de certinhas prestes a estreiar no Fred's, com Carlos Machado; Sérgio Ricardo subs-

tituindo “Ensaio Geral” no “Cangaceiro”; para o “Arpège”, no lugar de Chico Buarque, Odete Lara, MPB4 e o quarteto de Raul de Barros, vai Ary Toledo sozinho, ou melhor, Ary Toledo, seu violão e uma cadeira. Na frente um microfone. E para os apreciadores do samba tradicional, o “Nanaí”, num bar que estava precisado de combustível, acertou em cheio: contratou Gasolina.

Mieli e Boscoli, rindo um pro outro, por causa do sucesso de “Cláudia Não se Aprende na Escola”. Durante o espetáculo, a platéia ri no momento em que Cláudia anuncia um número em que Ico Castro Neves sola o seu contrabaixo. Cláudia anuncia: “E agora, senhoras e senhores, Ico Castro Neves. “P” “C” “O” — êsse algo mais que o “show” lhe dá”.

Estreou com grande sucesso, em Paris, o discutido filme de John Huston — “A Bíblia”. Na noite da “première”, esteve presente a inolvidável Michèle Morgan que, após a exibição, disse ao microfone e ante as câmaras da “Eurovison”: — O Adão é soberbo; eu também por certo teria levado a maçã pra êle”.

Elenyr Giroto Sepúlveda, que parece brincadeira, mas não é outra senão a vedete Lígia Rinelli, explicou para o juiz da 18.ª Vara Ci-

vel: “A abundante e notável cabeleira loura que possuía e que, sem dúvida, remarcava com absoluta originalidade a minha pessoa física é que caracterizava a minha personalidade artística, doutor juiz”. Tudo isso porque quer receber dez milhões de indenização por perdas e danos capilares, ao ser atendida pelo cabeleireiro Napoleão, no Salão de Beleza “Manucho”. Enquanto isso, a Senhora Madeleine Dassonville, proprietária do Salão, procurou o cronista em companhia de seu advogado, Doutor Benedito Abicair, afirmando que “Lígia esteve no Salão, fez permanente, pediu para aparar a franja e nada demais aconteceu. Ela estaria atrás de publicidade”. Por sua vez o cabeleireiro Napoleão, a quem esta coluna fez um juízo comum aos melifluos cabeleireiros de senhoras, nada tem de melifluto e reclamou justiça: “Eu não. Eu sou homem e muito”. Pelo jeito, é mesmo. A única coisa certa por enquanto é que, pelo menos, êsse Napoleão ainda não encontrou o seu Waterloo. O resto é incerteza. A elegante e bela Senhora Dassonville garante que ao sair do “Manucho” Lígia Rinelli ia bela e cabeluda. A saudável e anteriormente louríssima Lígia Rinelli diz que ficou careca ao sair do Salão. Meus Deus, como deve ser chato ser juiz, principalmente da 18.ª Vara Cível.



Chico Buarque não canta e ainda se desencanta.